

O viés funcional do pareamento simbólico *função* <> *forma* na abordagem construcional da gramática

Mariangela Rios de Oliveira¹
Ana Beatriz Arena²

Resumo: Com base na *Linguística funcional centrada no uso*, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010; 2015), entre outros, este artigo se volta para o eixo funcional do pareamento função-forma, tal como postulado na abordagem construcional da gramática, com base em Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Além de discutir acerca dos termos *função*, *significado* e *sentido* no contexto desse viés teórico, propomos que esses termos sejam refinados, a fim de contemplarem a seguinte hierarquia disposta em gradiente: *esquema* / *subesquema* / *microconstrução* / *constructo*. Assumimos que: a) o termo *função* deve ser utilizado na referência ao nível do esquema, o mais alto da hierarquia construcional; b) o termo *significado* seja usado para o nível do subesquema e da microconstrução; c) o termo *sentido*, por sua maior especificidade contextual, deve ser usado no plano do uso linguístico efetivo, do *token*. Para ilustrar tal proposição, que vincula o refinamento terminológico do eixo funcional da construção à hierarquização já referida, utilizamos os dados de Arena (2015), em sua pesquisa acerca da construcionalização gramatical que resultou na construção conectora lógica [daí que]_{cla} em português.

Palavras-chave: Função; significado; sentido; construção gramatical; daí que.

Introdução

A importância de se refletir acerca da dimensão *função/significado/sentido* na abordagem construcional da gramática, nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), entre outros, no contexto teórico da Linguística funcional centrada no uso (LFCU), com base em Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010; 2015), está no refinamento que pode ser feito em relação à tríade referida, no intuito de permitir definição mais precisa dos termos que a compõem. Consideramos ser possível aliar os distintos níveis da arquitetura construcional –

¹Professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores. Doutora em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutorado na Universidade Aberta - Lisboa. Pesquisadora 1C do CNPq e atual conselheira da Associação Brasileira de Linguística, entidade que presidiu no biênio 2015-2017. Líder nacional do Grupo de Estudos "Discurso & Gramática". Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF e em Letras e Linguística da UERJ/FFP.

²Doutora em Estudos de Linguagem (Universidade Federal Fluminense, 2015). Mestre em Língua Portuguesa (UFF). Graduada em Letras (UFRJ). Pesquisadora do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D & G) e do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO), ambos sediados na UFF. Professora adjunta da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora dos ensinos fundamental e médio das redes pública e particular. Revisora dos Cadernos de Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ).

esquema, subesquema e microconstrução – e ainda o nível do *constructo* à distinção entre função, significado e sentido, termos tão caros à pesquisa de orientação funcionalista, desde sua versão clássica³, com base em autores como Givón, Hopper, Heine, Thompson, entre outros.

Assim posto, este artigo se volta para um dos eixos do vínculo simbólico de sentido e forma que define a construção gramatical. Espera-se ainda que tal refinamento permita que os pesquisadores da LFCU utilizem termos mais precisos, que partilhem as mesmas definições terminológicas, levando em conta também a primazia das relações de sentido sobre as da estrutura na direcionalidade da mudança linguística. Fundados nessa concepção, assumimos o ponto de vista de Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016, p. 64), para quem *manter a ideia de ascendência relativa da função sobre a forma parece ajustar-se melhor a uma abordagem que se pretende funcional (centrada no uso)*.

Conforme tal orientação, procuramos responder a problemas teóricos que emergem no estágio atual da pesquisa em LFCU, como, por exemplo: a) Qual o estatuto da iconicidade diagramática⁴, como um dos pressupostos básicos do Funcionalismo clássico, na pesquisa da construção gramatical? b) Até que ponto o vínculo de sentido e forma das subpartes de um esquema é, de fato, totalmente convencional? c) É possível que o sentido de cada subparte concorra para o sentido geral da construção? d) Como a hierarquia construcional (*esquema / subesquema / microconstrução*) e o uso efetivo da língua (*constructo*) estabelece correspondência com a proposta de uma hierarquia funcional (*função / significado / sentido*)?

As perguntas formuladas no parágrafo anterior se coadunam a hipóteses de trabalho assumidas aqui. A primeira delas diz respeito à consideração de que o eixo da função, na abordagem construcional empreendida pela LFCU, é passível de refinamento e maior precisão terminológica; estabelece-se assim a distinção entre: a) o nível da função, mais alto e genérico, correspondente ao esquema virtual; b) o nível do significado, mais específico, atinente aos subesquemas e às microconstruções; c) o nível do sentido, mais estrito e contingencial, no plano do *constructo*, do uso efetivo, impactado por fatores de ordem

³Conforme Rosário e Oliveira (2016, p. 235), o atributo *clássico* é usado para nos referirmos à fase inicial dos estudos funcionalistas, identificado com o período que vai dos anos 60/70 do século XX até os anos iniciais do século XXI; a partir daí, na interface com os estudos cognitivistas, no viés da abordagem construcional da gramática, inicia-se a etapa atual, nomeado por nós como *Linguística funcional centrada no uso* (LFCU).

⁴Tipo de iconicidade atinente à disposição motivada dos elementos no uso linguístico, desdobrada em três subprincípios: proximidade, quantidade e ordem linear (FURTADO DA CUNHA, COSTA, CEZARIO, 2015)

contextual e cotextual⁵, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Outro pressuposto que defendemos é a manutenção, em maior ou menor grau, de traços das categorias-fonte na construcionalização gramatical, de modo que pelo menos alguns indícios da iconicidade inicial dos usos linguísticos ainda consigam ser detectados no pareamento convencionalizado da construção. Com base nessa defesa, consideramos ainda que, se a função da construção não se constitui na mera soma do significado de suas subpartes, por outro lado, cada subparte concorre para a convencionalização da função construcional mais ampla.

Para respondermos as perguntas inicialmente formuladas e testar as hipóteses de trabalho aqui apresentadas, este artigo encontra-se dividido nas quatro seções que se seguem. Na primeira, dedicamo-nos à apresentação de como os termos *função*, *significado* e *sentido* têm sido definidos na literatura linguística, com foco nas fontes de orientação funcionalista; identificamos sobreposições terminológicas que se constituem em problema conceitual para a LFCU. Na segunda seção, voltamos nossa atenção para os mesmos termos na perspectiva mais específica da abordagem construcional da gramática, com a proposição de refinamento da definição desses rótulos, de modo a melhor e mais precisamente contemplar o tratamento hierárquico proposto por Traugott e Trousdale (2013). Na terceira seção, apresentamos a aplicabilidade de nossa proposta, com base na hierarquia *esquema / subesquema / microconstrução / constructo*, a partir dos resultados de Arena (2015), com a pesquisa histórica da microconstrução gramatical *daí que*, na função de conector lógico do português – [daí que]_{cla}. Por fim, na quarta seção, tecemos considerações acerca das perspectivas de aplicabilidade do referido modelo a outras pesquisas voltadas para a descrição e análise de construções da língua, suas limitações e desafios.

Função, significado e sentido no Funcionalismo clássico

Na terminologia científica de qualquer abordagem teórica, devem ser evitadas duas tendências: a polissemia e a sinonímia. Ambas acabam por tornar a linguagem menos técnica

⁵ De acordo com os autores, o *contexto* se refere ao componente linguístico amplamente interpretado, envolvendo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (fala/escrita), e, por vezes, componentes sociolinguísticos e discursivos mais amplos; já o *cotexto* diz respeito ao ambiente estritamente definido como limitado às restrições de seleção de elementos da cláusula.

e precisa, confundindo muitas vezes a tarefa analítica e descritiva, ao afastá-la da precisão e da objetividade com que deve ser marcada.

Na pesquisa de orientação teórica funcionalista, desde sua versão clássica, uma dessas áreas de imprecisão ou difusão semântica está na tríade *função/significado/sentido*. O primeiro termo, *função*, teve sua polissemia destacada e discutida no texto fundante de Nichols (1984), intitulado *Functional Theories of Grammar*. Nesse texto a autora defende que *função* não é um conjunto de itens homônimos, mas sim um termo polissêmico que pode assumir pelo menos cinco sentidos maiores, a depender do foco do pesquisador:

- a. função/interdependência (gramatical)
- b. função/propósito (fins específicos)
- c. função/contexto (papéis temáticos, relevância discursiva)
- d. função/relação (ordenação, topicalização, inversão)
- e. função/sentido

Dessas cinco correlações, Nichols (1984) destaca que *função/propósito* tem sido uma das mais recrutadas para o estabelecimento de taxonomias sobre *funções da linguagem*, tal como se verifica também em Trask (2004, p. 120-121). O viés funcional do Estruturalismo, principalmente o praticado pela Escola de Praga, assume fortemente a função como propósito, no realce do papel teleológico do termo, o que acaba por reforçar mais ainda esse viés. Nessa vertente, destaca-se a clássica proposta de Jakobson (2005), acerca das seis *funções da linguagem* que caracterizam a prática interacional, todas voltadas para fins específicos, a partir do foco em cada um dos seis componentes da comunicação: referente, emissor, receptor, canal, mensagem e código.

No Brasil, também em perspectiva estruturalista, Camara Jr. (1985, 122) define *função* como *a aplicação que tem na língua uma forma em vista de seu valor gramatical*. Prevalece, nessa definição, o papel gramatical da função, exemplificado pelo autor por intermédio das funções sintáticas, das classes de palavra e dos sentidos desinenciais gramaticais, como o plural e o feminino. Como podemos observar, Camara Jr. (1985) relaciona explicitamente função e gramática, o que enfatiza o viés convencional do primeiro termo.

Em outros dicionários de Linguística, vamos encontrar correspondências como as elencadas por Nichols (1984). Crystal (1988, p. 122/123), por exemplo, na definição de *função*, destaca sua relação com interdependência gramatical e com contexto, esta no nível

pragmático. Já em Dubois (1973, p. 294-296), também ganha relevo a *função* como propósito e como interdependência.

De outra parte, os termos *significado* e *sentido*, via de regra, tendem a portar conceito mais vago e impreciso (e daí serem recrutados por vezes como sinônimos de *função*). O fato de, em inglês, língua original em que se elabora a teorização da LFCU aqui abordada, o termo *meaning*, por sua alta polissemia, poder ser traduzido por *significado* ou *sentido* (MACMILLAN, 2006, p. 871/872) concorre para tal imprecisão conceitual.

Para Dubois (1973, p. 546) e para Crystal (1988, p. 238), *significado* é definido como sinônimo de *conceito*, como a contraparte do signo linguístico provida de conteúdo, face ao *significante*, a imagem acústica correspondente. Se levarmos em conta que *significado* é definido a partir do signo linguístico saussuriano e que a abordagem construcional, ao enfatizar a estreita e indissolúvel vinculação entre forma e sentido (GOLDBERG, 1995; 2006), retoma, de certa maneira, este signo, então tal definição de *significado* pode contemplar a contraparte semântica da construção.

Em Camara Jr. (1985, p. 218), os termos *significado* e *significação* são correlatos. O autor se refere a *significado* como *representação mental que uma forma linguística evoca*, em consonância com a concepção do signo linguístico saussuriano. Destaca ainda Camara Jr. (1985) que cabe à Semântica a investigação científica do significado, considerando sua fluidez e polissemia, se tomado em termos atômicos, fora de efetivo contexto de uso.

Com relação a *sentido*, Crystal (1988, p. 236) destaca que o termo se opõe à *referência* e se relaciona ao sistema das relações linguísticas (relações de sentido) que um item lexical contrai com outros itens lexicais – paradigmáticas (sinonímia, antonímia, etc.) e sintagmáticas (de colocação). Para Trask (2004, p. 265), o *sentido* também tem a ver com o modo como um item lexical se relaciona com os demais, estabelecendo-se seu *significado*. Conforme Dubois (1973, p. 538/539), o termo *sentido* não recebeu de Saussure maior preocupação definitiva, mas somente aparece no texto deste autor como resultado de relações associativas, atinentes ao conteúdo do signo linguístico, da primeira articulação da linguagem, como proposta por Martinet (1964). A referência ao *sentido* também é feita por Camara Jr. (1985, p. 218), que o define como *a significação dentro de um contexto e a serviço de uma intenção definida do falante em sua comunicação*.

Por intermédio dessa breve compilação, podemos observar que o termo *sentido* tende a ser definido em viés mais contextual, com foco nas relações com os demais termos em presença (sintagma) e ausência (paradigma), levando em conta ainda fatores de natureza textual-discursiva.

O levantamento terminológico apresentado nesta seção demonstra que há pouca precisão na definição e, por consequência, pouca distinção entre *função/significado/sentido*. Na versão clássica do Funcionalismo, constatamos que prevalece a proposição da iconicidade dos usos linguísticos e a consequente ênfase na pesquisa empírica que privilegia a trajetória unidirecional *função > forma*. Enfatiza-se a correlação *função/propósito* e ainda a *função/interdependência*, como apresentado em Oliveira e Votre (2009), no histórico que fazem acerca das concepções de *discurso* e *gramática* na trajetória dos estudos funcionalistas, com destaque para o rótulo *função* e sua tradição nesta área de pesquisa linguística. Cabe ao analista da LFCU, na contemporaneidade, tentar definir esses termos, tendo em vista a proposta de hierarquização *esquema > subesquema > microconstrução > constructo*.

Uma proposta de refinamento do viés funcional na abordagem da construção

Procedimentos metodológicos são estabelecidos em virtude do aparato teórico que o analista adota; se há dificuldade no que concerne a pressupostos adotados, aí incluídos os relativos à definição de termos-chave, ocorrem também dificuldades para a elaboração e a aplicação de metodologia. No caso específico aqui tratado, a relativa confusão terminológica entre *função*, *significado* e *sentido* faz com que tais palavras sejam intercambiadas ou usadas indistintamente, tanto pelo mesmo analista, num só artigo ou capítulo ou em vários, quanto por outros investigadores de um mesmo grupo de pesquisa. Tal situação gera também certa confusão interpretativa, uma vez que não são estabelecidas e fixadas definições mais precisas para cada um dos três termos.

No contexto da LFCU, conforme Traugott e Trousdale (2013), parte-se do pressuposto de que a unidade linguística básica é a construção (lexical ou gramatical), entendida como o pareamento convencional de função e forma, tal como concebida por Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), no âmbito dos estudos cognitivistas. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 8), a representação construcional se faz por intermédio da configuração $[[F] \diamond [M]]$,

em que F se refere ao eixo da forma e M diz respeito ao eixo do sentido (*meaning*). O eixo formal é especificado em termos de sintaxe, morfologia e fonologia; já o eixo do sentido se distribui nos componentes semântico, pragmático e discursivo.

Essa representação tem estreita relação com a proposta de Croft (2001), que assim estabelece os dois eixos vinculados na perspectiva construcional:

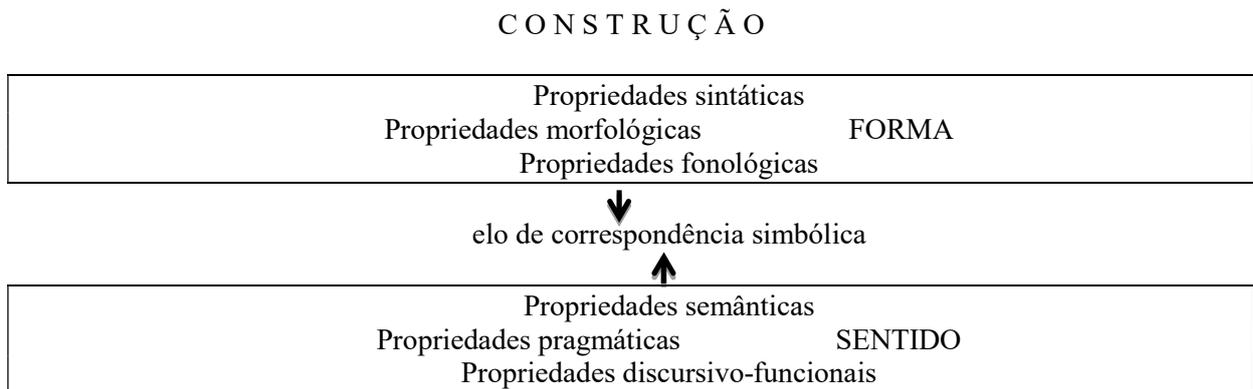


Figura 1: Modelo de estrutura simbólica construcional (CROFT, 2001, p. 18)

Para Croft (2001, p. 18), o termo *sentido*⁶ representa todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, que podem incluir não apenas propriedades da situação descrita pelo enunciado, mas também propriedades do discurso em que o enunciado é encontrado e da situação pragmática dos interlocutores. O autor usa os termos *sentido* e *semântica* para se referir a qualquer traço convencionalizado da função da construção. A nosso ver, a proposta do autor é elaborada para dar conta das propriedades construcionais sem considerar a dimensão hierárquica assumida por Traugott e Trousdale (2013). Assim, se assumirmos tal dimensão, será necessário, também, o refinamento do eixo do sentido.

Conforme Traugott e Trousdale (2013), a língua é interpretada, em todos os seus níveis de análise, como uma rede de construções, de elos de função e forma, conectados horizontal e verticalmente por uma série de relações. Em termos verticais, a LFCU tem partido da seguinte proposta de hierarquia construcional:

⁶No original, *meaning (conventional)*.

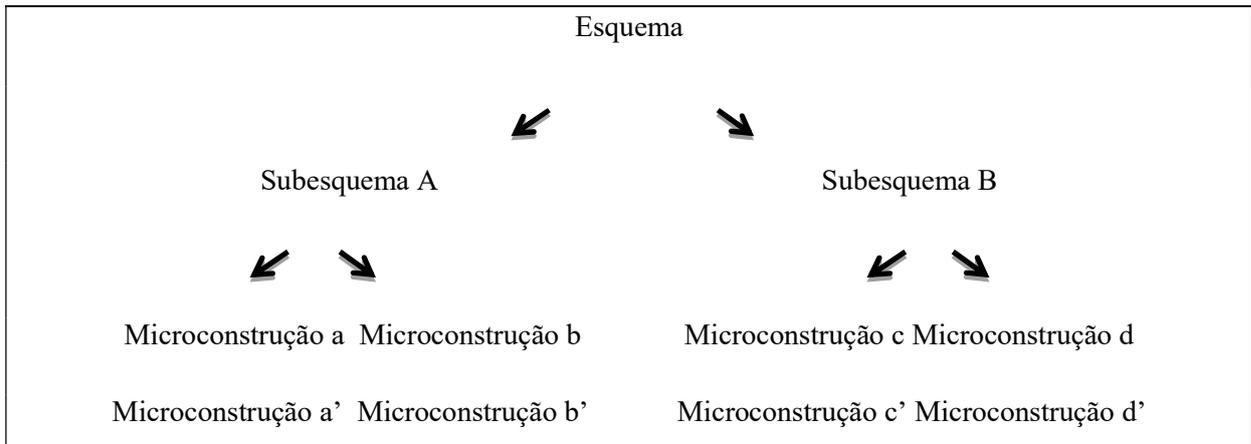


Figura 2: Hierarquia construcional, com base em Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

De acordo com o apresentado na Figura 2, o esquema corresponde ao nível mais alto e virtual da construção, integrado, via de regra, por *slots*⁷ a serem preenchidos e especificados nos níveis mais baixos; trata-se do nível que manifesta maior convencionalidade, identificado, por exemplo, na clássica taxonomia sintagmática da língua (SN, SV, Sprep, Sadj, etc). Os subesquemas referem-se a pareamentos mais específicos, relativos a subfamílias dos esquemas, portanto, mais especificados do que estes; nos subesquemas, costuma haver subpartes fixas, responsáveis por sentidos mais específicos do esquema maior. As microconstruções, por sua vez, dizem respeito aos *types* de cada subesquema, aos preenchimentos substantivos de cada subparte de uma construção; são pareamentos individuais que, no uso efetivo da língua, se instanciam sob forma de constructos. Consideramos que, ao propor essa taxonomia construcional, os autores acabam contemplando por tabela o eixo da forma em suas subespecificações, uma vez que o esquema, o subesquema e a microconstrução já se distinguem em termos de propriedades estruturais e gradiência. Assim, o esquema diz respeito ao formato mais geral e inespecífico de uma dada construção, com maior número de *slots* a serem preenchidos, enquanto subesquemas tendem a apresentar formalmente menos *slots* e mais subpartes fixas; já as microconstruções situam-se como estruturas compostas por *types* especificados e individuais.

Se a construção se define como pareamento convencional de função e forma e se esse pareamento é passível de hierarquização, como demonstrado na Figura 2, então podemos nos

⁷*Slots* são lugares esquemáticos de uma construção, passíveis de serem preenchidos e instanciados por distintos constituintes; quanto mais esquemática é uma construção, menor sua composicionalidade e maior é a tendência à formação de *types* específicos do mesmo padrão, revelando sua produtividade.

perguntar: como lidar com o eixo da função levando em conta tal hierarquia? No contexto da LFCU, na perspectiva da abordagem construcional, portanto, é possível propor o refinamento do componente funcional do esquema, o do subesquema, o da microconstrução e mesmo o do *constructo*. Esse componente, tal como o gradiente de virtualidade ou esquematicidade proposto pelo *cline* construcional, deve ser estabelecido também em termos hierárquicos. Ao contrário do componente estrutural ou formal, lidar com a contraparte funcional da construção significa lidar com maior complexidade, uma vez que se enfrentam questões de natureza abstrata e fluida, que muitas vezes ficam no nível da interpretabilidade.

Na abordagem construcional da LFCU, em que pese o avanço teórico ao serem especificadas propriedades no eixo da forma e do sentido, tais como as apresentadas nesta seção, permanecem, ao menos, três problemas:

- a. Como se definem e especificam as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais? Devemos observar que a situação é bem mais clara e evidente no eixo da forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas).
- b. De que maneira aplicar essa correspondência de propriedades para lidar com a hierarquia construcional? Esquemas, subesquemas, microconstruções e constructos devem ser passíveis de estabelecimento de uma correspondência desse tipo, levando-se em conta os distintos níveis construcionais e mesmo o nível do constructo, do uso efetivo.
- c. O eixo do sentido pode ser tomado genericamente como o eixo da função ou do significado? Seria distinto desses? Seriam sobrepostos, ou correlacionados, ou interconectados?

No que concerne ao estabelecimento de traços específicos de cada propriedade funcional, temos identificado as seguintes tendências nas pesquisas desenvolvidas no contexto do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* - UFF⁸:

- a. Semânticas: foco no significado de cada subparte e sua contribuição para o sentido construcional maior;

⁸Estamos nos referindo a teses de doutoramento como as de Teixeira (2015), Arena (2015), Aguiar (2015) e Rocha (2016), que estabeleceram e classificaram propriedades funcionais de suas construções objetos de pesquisa.

- b. Pragmáticas: foco no sentido emanado de motivações (inter)subjetivas, papel/perfil dos interlocutores, inferências sugeridas (TRAUGOTT; DASHER, 2005), tempo e espaço da interlocução, propósito comunicativo, entre outros;
- c. Discursivo-pragmáticas: foco no sentido oriundo do tipo de modalidade, do nível de formalidade, do gênero discursivo⁹, da sequência tipológica, do fluxo informacional, entre outros.

Consideramos ser relevante a fixação (com os respectivos ajustes) desses traços, de modo a que a pesquisa na vertente da LFCU tenha coesão e alguma unidade ao lidar com as propriedades funcionais na abordagem construcional da gramática.

Consideramos, de modo ainda mais relevante, que tais propriedades devem, de alguma forma, refletir a hierarquia da construção, tal como demonstrada na Figura 2. Assim, no nível do esquema, do plano hierárquico mais alto, devem ser apontadas, na verdade, *funções* maiores, com base na proposta de Nichols (1984) que destaca a função como interdependência; portanto, teríamos aí a identificação de funções gramaticais prototípicas como *circunstanciação*, *conexão*, *modalização*, *marcação discursiva*, entre outras. Já no nível do subesquema e da microconstrução, como pareamentos mais específicos do que o esquema, o termo *significado* seria mais pertinente para lidar com o eixo funcional, com base também na justificativa de que seria assim recuperada ou atualizada a perspectiva saussuriana do signo linguístico, na interface *significante x significado*. Estaria reservado o termo *sentido* para o nível do *token*, do constructo; o sentido seria, portanto, forjado com base nas relações contextuais e cotextuais, seria motivado e atingido por conta de motivações textuais, pragmáticas e discursivas.

Apresentamos a síntese do que aqui estamos propondo acerca do tratamento do eixo funcional na pesquisa em LFCU:

⁹ Embora normalmente “gênero textual” e “gênero do discurso” sejam terminologias intercambiáveis, optamos pela segunda tendo em vista nossa proposta neste artigo: precisão terminológica em estudos ancorados na LFCU, que levam em conta aspectos discursivo-funcionais.

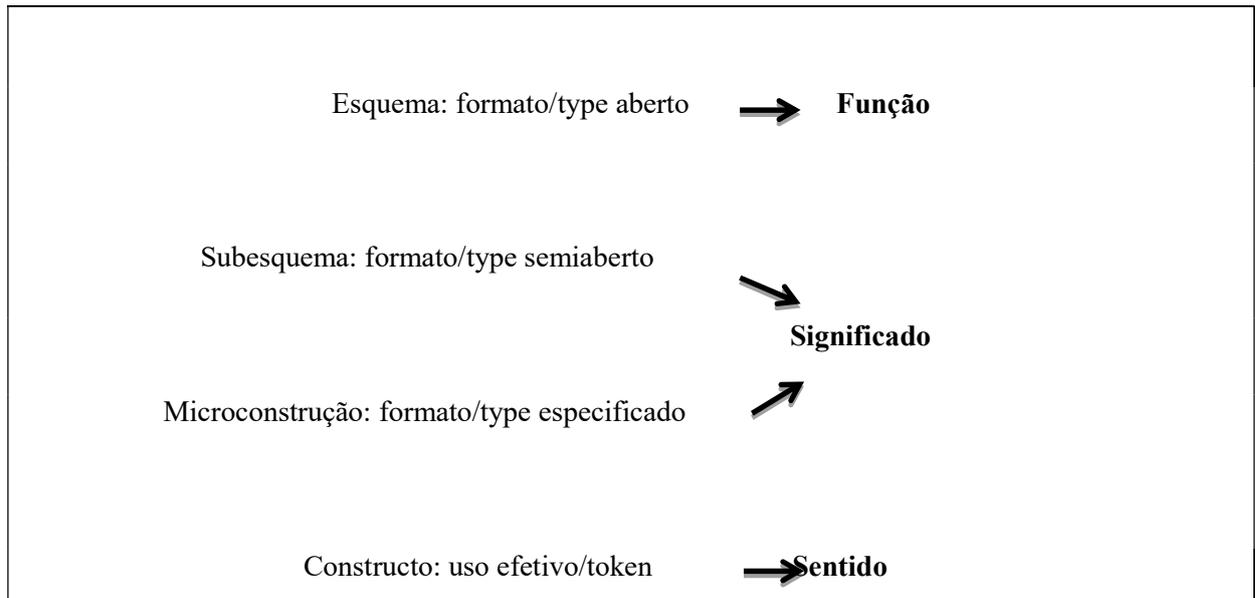


Figura 3: Relação entre hierarquia construcional e de uso e eixo funcional

Na seção a seguir, ilustramos nossa proposta a partir de Arena (2015), com base nos resultados de sua pesquisa acerca da construcionalização gramatical que derivou na criação demais um membro da classe dos conectores lógicos do português, a [daí que]_{cla}.

A microconstrução [daí que]_{cla}

Nesta seção, apresentamos a aplicação de nossa proposta à microconstrução [daí que]_{cla}, investigada por Arena (2015). O *corpus* da pesquisa foi formado a partir de diferentes *corpora* virtuais, como Corpus do Português, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Domínio Público entre outros. Para os propósitos deste trabalho, acrescentamos um dado do *Corpus D&G* e outro do Google, sendo todos exemplares da modalidade escrita, na sincronia contemporânea, os quais englobam as variantes brasileira e europeia. Isso posto, iniciamos por um breve histórico do objeto de estudo em tela.

Em sua pesquisa, a autora demonstra que *daí que* passou por mudanças construcionais, em diferentes contextos de uso, ao longo de seu processo de construcionalização como conector lógico-argumentativo. Os contextos iniciais estudados (DIEWALD, 2006)¹⁰–

¹⁰ Segundo Diewald (2006), as mudanças se dão em três estágios, ordenados cronologicamente. O primeiro, contexto atípico, caracteriza-se pelas implicaturas conversacionais; o segundo é considerado crítico, porque

atípicos e críticos, constituídos por orações complexas do tipo matriz-completiva (respectivamente, *daí se conclui/ocorre/vem que...* e *conclui-se/ocorre/vem daí que...*) –, nos quais se deram as mudanças construcionais, são construções parcialmente esquemáticas, cujos espaços são preenchidos por dois elementos fixos, o pronome locativo *daí* e a conjunção integrante *que*, interligados por um verbo cognitivo.

É possível que, uma vez formado o *chunk*¹¹ *daí que*, numa forma distribucional nova no contexto crítico, o mecanismo da analogização também tenha contribuído para que as microconstruções mais convencionalizadas, como *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que* ou *de sorte que*, tenham servido de exemplares para a formação do *daí que* por similaridade morfossintática e semântica.

Na amostra (1), apresentamos um dado a partir do qual demonstramos como essa similaridade se confirma quando substituímos *daí que* por algumas das formas mais convencionalizadas:

(1) *Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, daí que o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação por considerá-lo o locus privilegiado para questionamentos acerca de saberes profissionais.* (Domínio Público. Tese de doutorado, Maria Solange Pereira, 2001)

- Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, *de modo que/de forma que/de maneira que* o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual (...) foram as razões que nos conduziram ao doutorado...

Ainda que advogemos o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995) e apesar de apresentarem diferenças morfossintáticas no eixo da forma – *modo, forma, maneira* são

dispara o gatilho para a gramaticalização e depois desaparece, quando o terceiro, de isolamento, consolida o processo de gramaticalização.

¹¹“Na língua, *chunking* é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências de palavras (ou morfemas) repetidas são “empacotadas” juntas na cognição, de modo que a sequência pode ser acessada como uma unidade única.”(BYBEE, 2010: p 7)

substantivos, enquanto *daí* é pronome locativo –, semanticamente *daí que*, *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que* ou *de sorte que* expressam o mesmo significado: resultado. Dessa forma, surge, com o *daí que*, mais um *type* específico na rede de conectores representados por locuções conjuntivas, ou perífrases conjuncionais, conforme definição de Camara Jr. (1979: p. 185), aqui identificadas como esquema [Xque].

Sendo assim, considerando-se que o esquema [Xque] abrange diferentes subesquemas, os quais veiculam diferentes significados – tempo, proporção, causa, concessão, resultado –, podemos demonstrar, da seguinte forma, a hierarquia construcional na qual a microconstrução *daí que* se insere:

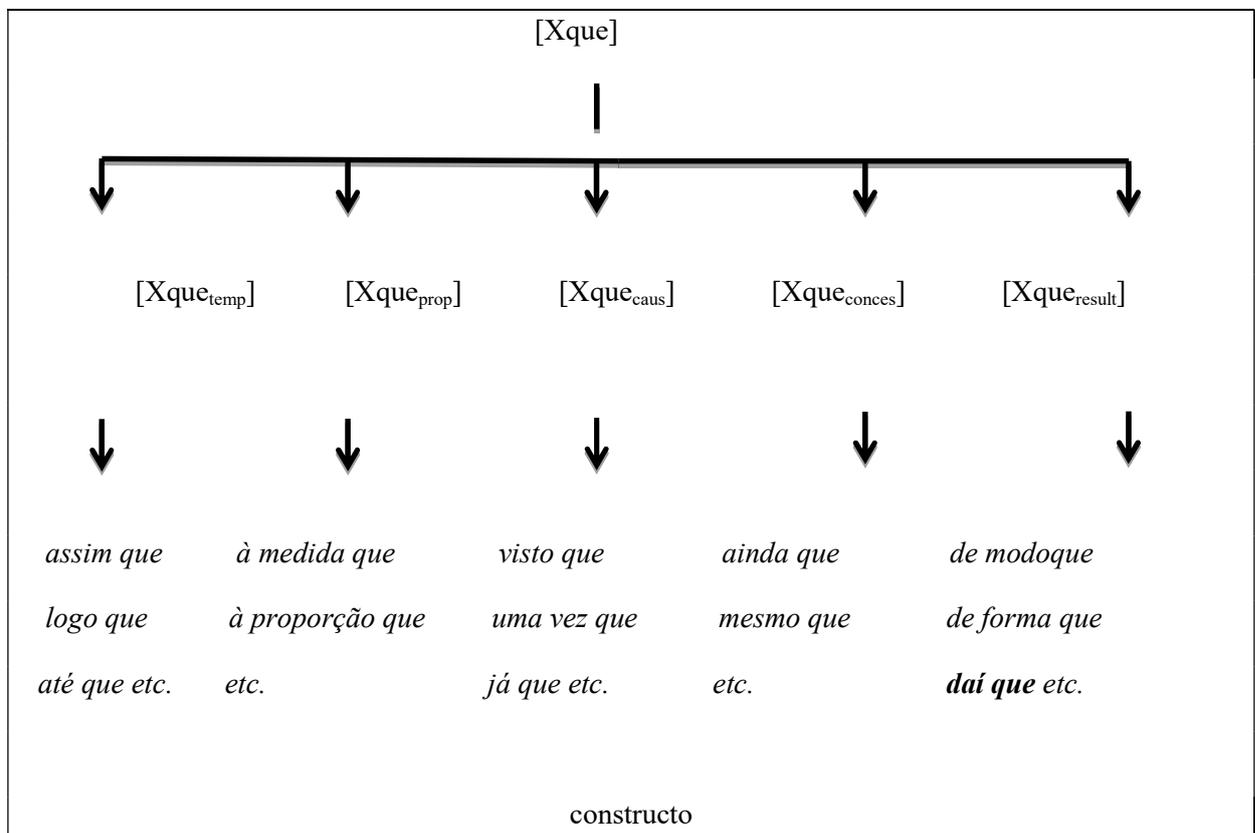


Figura 4. Hierarquia construcional do esquema [Xque]

Uma vez demonstrada a hierarquia construcional do esquema [Xque], no qual o *daí que* emerge como um novo *type* específico, passamos a testar nossas hipóteses, por meio de dados coletados para a pesquisa sobre o conector lógico-argumentativo *daí que*, a fim de comprovar o que aqui se defende: na abordagem construcional, a) o eixo da função é passível de refinamento e maior precisão terminológica; b) pelo menos indícios de características das

categorias-fonte são mantidos na construcionalização gramatical, de modo que a iconicidade inicial dos usos linguísticos podem ser detectados.

A primeira questão a ser discutida diz respeito à hierarquização do componente funcional do esquema, do subesquema, da microconstrução e do constructo, distinguindo o nível da função, o nível do significado e o nível do sentido. No que diz respeito ao conector lógico *daí que*, propomos que a rede taxonômica construcional da qual faz parte seja assim compreendida e analisada:

Esquema [Xque]	Função: conexão lógica/lógico-argumentativa
Subesquemas [Xque _{temp}], [Xque _{prop}], [Xque _{caus}], [Xque _{conces}], [Xque _{result}]	Significado: tempo, proporção, causa, concessão, resultado
Microconstruções <i>assim que, até que, visto que, ainda que, daí que</i> etc.	
Constructo: uso linguístico efetivo do <i>daí que</i>	Sentido: consequência/inferência

Figura 5: Relação entre hierarquia construcional e de uso e eixo funcional do conector lógico argumentativo *daí que*

Quanto às seis propriedades que compõem o vínculo simbólico do pareamento função-forma de uma construção (CROFT, 2001), elas estão presentes no conector lógico-argumentativo *daí que*. No eixo da forma, as propriedades são relativamente objetivas e pontuais, com fronteiras bem delimitadas entre si:

- a) propriedades sintáticas – *daí que* atua como elemento de conexão textual e fixa-se no início da oração ou do período que articula;
- b) propriedades morfológicas – classifica-se como locução conjuntiva, formada pela contração da preposição *de* com o pronome locativo *ai* + conjunção integrante *que*; é elemento invariável;

c) propriedades fonológicas – por se tratar de dados retirados de pesquisa da modalidade escrita, pode-se apenas pressupor que houve coalescência, e a forma fônica reduziu-se em decorrência da contração *dai*.

No eixo da função, por sua vez, as distinções entre os subcomponentes não se dão com tanta precisão. Justamente por ser o eixo do uso efetivo, em que o sentido se constrói, diferentes motivações podem levar a interpretações várias e, conseqüentemente, a inconsistências na denominação dos fenômenos reconhecidos. No caso do *dai que*, tentamos traçar alguns aspectos mais precisos para cada propriedade, mas o fato é que elas se mesclam e, por vezes, confundem-se na análise:

a) propriedades semânticas – expressão de resultado: relações lógicas de causa/consequência e relações argumentativas inferenciais;

b) propriedades pragmáticas – processo de (inter)subjetivação na relação enunciador-interlocutor; intencionalidade do enunciador, conhecimento compartilhado, grau de comprometimento do enunciador com o conteúdo da informação;

c) propriedades discursivo-funcionais – contextos de uso do *dai que*: gêneros discursivos, com destaque para o jornalístico, o científico e o acadêmico, e sequências tipológicas, predominantemente as argumentativas, narrativas e expositivas; fatores de textualidade: coesão e coerência.

Vale destacar que uma das causas para as imprecisões terminológicas que têm sido observadas nas pesquisas funcionais centradas no uso pode decorrer da maior fluidez e complexidade entre as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, uma vez que se trata de relações de caráter mais abstrato. Procuramos elencar alguns elementos de cada propriedade, mas entendemos ser muito difícil, por vezes improdutivo, tratar de cada uma das propriedades do eixo do sentido independentemente entre si, e até mesmo independentemente das propriedades do eixo da forma.

Como constructo do esquema [Xque], *dai que* instancia, de partida, a função conectora lógico-argumentativa, própria do esquema, e o significado de resultado, próprio do subesquema e da micro. Por sua vez, o sentido, instância mais específica, é atribuído via contexto de uso, e, a partir dos dados que seguem, procuramos demonstrar como as

propriedades do eixo do sentido, com fronteiras pouco ou não definidas, requerem bastante acuidade e rigor metodológico na análise.

(2) As cigarras, muitas vezes, se agrupam nas pontas dos galhos como se fossem inflorescências; enquanto os gafanhotos imitam gravetos, chegando a enganar as mariposas, que pousam em sua superfície para tomar sol. Essas artimanhas, no entanto, podem não ser o suficiente, **daí que** a maioria dos insetos das florestas tropicais liberam substâncias tóxicas para se defender. (As florestas da fome. Revista Superinteressante, 1992)

(3) A pesquisa demonstrou que a UFF, como outras universidades, tem ainda uma dificuldade muito grande em tratar da temática da inclusão e permanência dos segmentos afrobrasileiros. Ela não se preparou para trabalhar o processo educacional e a produção do conhecimento na perspectiva da convivência com a diversidade. **Daí que** suas ações, via de regra, não são concebidas à luz da superação dos processos de desigualdades existentes entre negros e brancos, ou seja, à luz da superação dos processos excludentes. (Domínio Público. O Desafio da Permanência do(a) Aluno(a) Negro(a) no Ensino Superior.¹² José G. Rocha, 2007)

(4) Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. **Daí que** também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. (Domínio Público. A importância do ato de ler. Paulo Freire, 1989)

Propriedades semânticas:

Em (2), o fragmento em análise é parte de um periódico de teor científico, no qual a exposição de ideias e o desenvolvimento de raciocínio objetivo são mais explorados. Nesse

¹² ROCHA, José G. O Desafio da permanência do(a) aluno(a) Negro(a) no ensino superior. In: LOPES, Maria A.; BRAGA, Maria L. de S. (orgs.) *Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior*. Brasília: MEC, 2007.

contexto, a expressão semântica de resultado se dá por meio do encadeamento lógico de causa e consequência factuais (causa: as artimanhas não são suficientes; consequência: insetos liberam substâncias tóxicas para se defender), de modo que a porção textual introduzida pelo *daí que* veicula uma consequência real. Trata-se de relação externa à situação comunicativa, entre eventos, experiencial ou de conteúdos. Dos três dados em análise, este é o que apresenta maior integração entre as orações, visto que estas constituem ato de fala único (KOCH, 1987); conseqüentemente, o vínculo semântico entre elas é mais estreito. Trata-se de um uso em que o conector *daí que* aproxima-se do que a tradição gramatical chama de conjunção consecutiva e do que Halliday e Matthiessen (2014: p. 611) denominam “conjunção externa”.

Diferentemente do que ocorre no dado anterior, em (3) as relações articuladas pelo *daí que* são parcialmente lógicas e parcialmente argumentativas. Ainda assim, trata-se de dois atos de fala distintos, pois a porção textual que antecede o uso do *daí que*, embora apresente a constatação de um fato demonstrado em uma pesquisa acadêmica (*a UFF não se preparou*), faz parte de um movimento argumentativo e leva a uma consequência não factual, expressando, de forma bastante discreta, a perspectiva do enunciador (*suas ações, via de regra, não são concebidas à luz...*). Portanto, em comparação aos dados exemplificados em (2) e (4), a articulação promovida pelo *daí que*, em (3), é a que veicula maior independência semântica entre as porções textuais, para o que contribui, ainda, o emprego do modo indicativo em ambas (*preparou e são*), modo “não marcado”, segundo Vilela e Koch (2001: p. 176). Nesse caso, contingenciado pelo contexto em que ocorre, *daí que* aproxima-se de um operador argumentativo de conclusão, conforme definição de Koch (1987), ou de uma conjunção conclusiva, segundo a tradição gramatical, porém ressaltamos que guarda ainda alguns traços do uso como conector lógico.

No dado (4), a vinculação semântica entre as porções textuais articuladas pelo *daí que* encontra-se num gradiente intermediário em relação às duas anteriores. Semanticamente, a expressão de resultado se dá no âmbito das relações argumentativas inferenciais, em atos de fala distintos, numa articulação interfrásica, conferindo relativa independência entre as duas porções textuais, aproximando-se do padrão verificado em (3). Por sua vez, na oração introduzida pelo conector, o uso de um verbo modal (*pudesse*), duplamente marcado – subjuntivo e imperfeito –, contribui para que o vínculo semântico entre as orações se mantenha num grau relativamente forte, tornando-as mais integradas, aproximando este uso

ao do identificado em (2). Nas duas porções textuais, o *daí que* articula eventos de fala, internos ao texto, não se verificando em nenhuma eventos extralinguísticos ou factuais; nesse caso, o conector se alinha com os operadores de conclusão (KOCH, 1987), podendo ser identificado, ainda, como operador argumentativo.

Propriedades pragmáticas:

No dado (2), o enunciador coloca-se na perspectiva do conhecer, e sua linguagem é direta e objetiva, abstraindo-se do tempo e do espaço, o que condiz com o gênero discursivo: matéria de divulgação científica, de teor informativo. Nesse contexto de uso do *daí que*, verificamos a exposição de eventos factuais, nos quais predominam relações externas à língua, mais referenciais, concretas e icônicas; apesar de haver uma avaliação modalizada do enunciador (*podem não ser o suficiente*), ela se dá sobre os fatos apresentados anteriormente, resumidos em “artimanhas”. Na porção textual seguinte, por meio do *daí que*, o enunciador aponta para uma consequência factual e, pragmaticamente, dos três, é o contexto que contém o grau mais baixo de (inter)subjetividade, visto que o objetivo global é informar o interlocutor, e não o orientar favorável ou contrariamente a um ponto de vista.

Já em (3), o gênero discursivo acadêmico abre mais espaço para a expressão de subjetividades, mas estas ainda são bastante sutis, pois o enunciador se utiliza de fatos (*A pesquisa demonstrou*) para montar uma tese (*a UFF, (...), tem ainda uma dificuldade muito grande em tratar da temática da inclusão e permanência dos segmentos afrobrasileiros*). Mesmo que *ainda, dificuldade, muito e grande* atuem como modalizadores epistêmicos, partir de uma factualidade confere valor de verdade à proposição, principalmente se o argumento reforça e sustenta essa tese (*Ela não se preparou para trabalhar o processo educacional e a produção do conhecimento na perspectiva da convivência com a diversidade*). Por fim, o enunciador apresenta sua conclusão (*Daí que suas ações, via de regra, não são concebidas à luz da superação dos processos de desigualdades...*), e é justamente nessa porção textual que observamos a subjetividade veiculada nesse contexto em seu grau mais alto, pois o intuito é o de agir sobre o interlocutor, ganhar sua adesão, mas, ainda na linha da sutileza, emprega um único modalizador, a expressão adverbial “via de regra”.

O último dado apresenta contexto em que a exposição de ideias e os movimentos argumentativos predominam. Numa atitude de alto comprometimento com o valor de verdade da proposição, o enunciador se projeta como a fonte do conteúdo asseverado (LUCENA, 2008), sendo fundamental o fato de que quem fala é Paulo Freire, reconhecidamente um educador de grande importância para a sociedade brasileira. O uso recorrente de primeira pessoa do singular, codificada por pronomes (*me, mim*) ou formas verbais (*vi, pudesse*), confirma o caráter autoral do trecho inteiro. Contudo, a despeito de sua autoridade, a atitude do enunciador é a de quem procura persuadir o interlocutor por meio da sensibilização deste, para o que apresenta provas morais, afirmando ser impossível engajar-se *num trabalho de memorização mecânica*, e modaliza sua fala, por meio de formas (*parece*) e modos (*seria, pudesse*) verbais modalizadores epistêmicos. Por fim, em vista de se tratar de uma palestra proferida diante de uma plateia, não resta dúvida de que se trata do dado com o mais alto teor de (inter)subjetividade.

Propriedades discursivo-funcionais

No dado exemplificado em (2), o contexto de uso de *daí que* se configura como texto de divulgação científica, no qual predominam exposições de ideias e desenvolvimento de raciocínio objetivo. Compondo esse ambiente situacional, encontramos um contexto linguístico marcado por sequências tipológicas expositivas. O predomínio de formas verbais atribuídas a seres concretos – *insetos* – contribui para um cenário de objetividade, marcando linguisticamente a coesão e a coerência que se espera nesse gênero discursivo. Todavia, como nos ensina Marcuschi (2005), os gêneros não são “puros”, e diferentes sequências tipológicas podem ser empregadas, como é o caso da que antecede o uso do conector: trata-se de uma sequência mais subjetiva, em que o enunciador expõe um ponto de vista, por meio de modalização epistêmica – *podem não ser* – e atribuição de valor – *suficiente* – aos fatos expostos antes, resumidos nominalmente por *artimanhas*. É nesse contexto que emerge o conector *daí que*, introduzindo uma consequência factual, na qual o enunciador retoma o distanciamento e a objetividade apresentados no início do fragmento em tela. Por meio do uso de elementos lexicais, que remetem ao universo extralinguístico (*insetos das florestas tropicais; substâncias tóxicas; defender*), configura-se um cenário discursivo-funcional

propício ao uso do *daí que* como elemento de coesão e coerência textuais entre duas orações no âmbito da causalidade – a mais subjetiva é causa não estrita e a mais objetiva é consequência factual. Em virtude de sua origem dêitica, o conector retoma anaforicamente, por meio do *daí*, a perspectiva do enunciador e a projeta para frente, por meio do *que*, apresentando o resultado esperado.

Em (3), as propriedades discursivo-funcionais que emergem do gênero que constitui o contexto situacional, o acadêmico, coadunam-se com um uso no qual *daí que* veicula significado de resultado mais subjetivo do que o verificado em (2). É natural que, como parte desse contexto discursivo, as pressões metonímicas predominantes sejam marcadas linguisticamente por sequências argumentativas (*a UFF, como outras universidades, tem ainda uma dificuldade muito grande em tratar da temática da inclusão...*). No entanto, como costuma acontecer na construção de uma tese e na apresentação de argumentos, um dos recursos discursivos mais comuns é o embasamento em fatos, conferindo valor de verdade à proposição, dessa forma a sequência tipológica narrativa (*Ela não se preparou para trabalhar o processo educacional...*) é a que se apresenta com os elementos ajustados a essa necessidade. Nesse cenário, o conector *daí que* participa da coesão entre o fato apresentado anteriormente e o resultado deste, introduzindo a perspectiva do enunciador sobre o que está discutindo (*Daí que suas ações, via de regra, não são concebidas à luz da superação...*). Vale notar que em (3) ocorre o inverso do que se dá em (2), em que o conector parte de uma perspectiva do enunciador para anunciar um fato; aqui, parte de um fato para anunciar o ponto de vista do enunciador. É possível postular que o gênero discursivo é fator fundamental nesses usos contextualmente contingenciados do conector lógico-argumentativo *daí que*.

Finalmente, o dado exemplificado em (4) tem a sequência tipológica argumentativa como contexto linguístico, o que está de acordo com o gênero discursivo que constitui o contexto de uso: o fragmento em análise foi retirado de obra acadêmica, organizada em três artigos. O conector reúne duas sequências argumentativas, nas quais sobressaem as relações internas da língua, em que os dois segmentos são relacionados como etapas em um argumento. Nesse contexto linguístico, o nexos de causalidade não factual se dá entre uma causa suposta ou hipotética negada (*seria impossível engajar-me*) e um resultado também hipotético negado (*não pudesse reduzir*), ambos subsidiados por uma relação condicional marcada pelas formas verbais *seria* e *pudesse*. Tal movimento argumentativo leva o

enunciador a selecionar o *daí que* como elemento de conexão ideal entre as duas proposições, pois, ao mesmo tempo em que elas se relacionam pelo nexos da causalidade, a oração introduzida pelo conector expressa uma conclusão e apresenta outro argumento. Sendo assim, o conector é responsável pelo encadeamento sucessivo de enunciados, dando-lhes orientação discursiva e estruturando-os em textos, próprio dos operadores argumentativos, segundo definição de Koch (1987: p. 89).

Ao compararmos esses três padrões de uso do conector *daí que*, verificamos que os usos são contingenciados pelas propriedades do eixo do sentido: semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. O esforço empreendido para ilustrar o que compreende cada propriedade tem o objetivo de conferir maior precisão às análises, assim como à terminologia empregada em cada fenômeno identificado.

Portanto, sintetizando a análise empreendida até aqui, reconhecemos haver, nos usos do conector lógico-argumentativo *daí que*, o que Traugott e Trousdale (2013: p. 200) denominam de “ambiguidade pragmática”, caso em que uma construção tem um só significado, que é pragmaticamente aplicado de formas diferentes de acordo com o contexto. No caso do *daí que*, o significado único é o de resultado, e sua aplicação pragmática pode ser como conector lógico, quando introduz uma consequência factual, ou como operador argumentativo, quando introduz uma conclusão, fruto de uma inferência ou dedução.

As três propriedades do eixo do sentido que foram identificadas para o conector *daí que* estão diretamente relacionadas com a sua rota de construcionalização. Embora seu uso como conector lógico-argumentativo esteja contingenciado pelas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, o fato é que muitas destas estavam presentes ao longo das mudanças construcionais pelas quais *daí que* passou. É possível reconhecerem-se indícios dessas propriedades ao longo de sua construcionalização gramatical, de modo que a iconicidade presente nos usos linguísticos da forma-fonte pode ser detectada, ainda que muito desbotada. É o que procuramos demonstrar nas análises que empreendemos nesta segunda parte.

No português contemporâneo, o uso de *daí que* como conector lógico-argumentativo encontra-se em contexto de isolamento (DIEWALD, 2006), não sendo mais possível estabelecer qualquer relação direta com o dêitico espacial *daí* ou com os pronomes neutros latinos *quid* e *quod*, de cuja coalescência se originou primordialmente a conjunção

subordinativa integrante *que* (CAMARA JR, 1979: p. 184). No entanto, o par mais lexical da microconstrução – *daí* – guarda ainda alguns traços da categoria-fonte. Em sua trajetória de mudança, *daí* apresenta multifuncionalidade e polissemia, verificadas na escala dêitico espacial > dêitico temporal > dêitico textual, apresentando condições de participar de um processo de mudança linguística que envolva movimento transferencial, físico ou virtual.

As amostras a seguir ilustram a persistência do traço dêitico na rota de construcionalização de *daí que*:

Dêitico espacial:

(5) Por vezes ouvíamos gritos. Depois o rosto de Mr. Avery apareceu a uma janela do andar de cima. Arremessou um colchão pela janela e pôs-se a atirar mobília para a rua até os homens gritarem: – Desça **daí**, Dick! As escadas vão ruir! Saia **daí**, Mr. Avery! (Google. Romance. Lila, Marilynne Robinson.)

Dêitico temporal:

(6) Bem aí como eu frequentava esse clube... mais nunca tinha uvisto ali tocando nesse clube... esse dia foi o primeiro dia que ele tocou e cantou... nesse clube e depois desse show ele disse que ia continuar tocando e cantando... lá nesse clube. Bom e **daí** por diante ele começou a me paquerar como toda moça gosta de ser... paquerada (Corpus D&G Rio de Janeiro a. Narrativa de experiência pessoal. Informante do CA supletivo)

Dêitico textual:

(7) A mudança de papel que essa instituição vai ter, ao longo da história, refere-se, por conseguinte, à abertura de suas portas a uma clientela cada vez mais ampla, à medida que a alfabetização se propagou e a cultura livresca

passou a atingir classes sociais antes marginalizadas. Em última análise, o ideal a perseguir era o de a biblioteca estar ao alcance de todos os cidadãos indistintamente.

Dai se conclui que a biblioteca abriga um trabalho de animação cultural quando se compromete socialmente, isto é, quando acata as produções das diferentes vozes da sociedade e não apenas quando transmite a voz dominante às demais. (Domínio Público. Biblioteca e formação de leitores. Vera Teixeira de Aguiar, 1994)

Nos trechos de (5) a (7), vemos a evolução de *dai* em usos nos quais, respectivamente,

- a) indica o contexto situacional, apontando para um elemento externo à língua (*dai* aponta para *escada*);
- b) indica tempo, retomando anaforicamente um marco temporal na porção textual anterior (*dai* retoma *esse dia*);
- c) indica conclusão, articulando partes do texto, retomando anaforicamente o movimento argumentativo desenvolvido no parágrafo anterior.

A amostra (7) é um dos contextos iniciais identificados por Arena (2015), o contexto atípico (DIEWALD, 2006). Trata-se de contexto pragmático-discursivo no qual o *dai* articula-se com a conjunção integrante *que*, numa estrutura oracional complexa. Essa configuração sintático-semântica está diretamente relacionada ao fato de que esse contexto já apresenta as pré-condições para as mudanças construcionais pelas quais *dai que* passou em sua rota de construcionalização. No eixo do sentido, a expressão de resultado, seja em relações externas, seja em relações internas à língua, é fruto dos ambientes discursivos – contexto e cotexto – para os quais o *dai* foi recrutado em seu processo de mudança como conector: gêneros discursivos nos quais predominam sequências narrativas, expositivas e argumentativas, verbos cognitivos, expressões modalizadoras, entre outras pressões contextuais determinantes para a sua mudança linguística.

Abaixo, em (8), é possível verificar que a nova microconstrução, mesmo já construcionalizada como o conector lógico-argumentativo *dai que*, mantém, ainda que

bastante desbotado, o traço dêitico herdado da categoria-fonte da subparte mais lexical do par (*daí*):

Daí que conector lógico argumentativo: “(8) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, **daí que** a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (Domínio Público. A importância do ato de ler¹³. Paulo Freire, 1989)

Verificamos, nesse dado, relação lógico-semântica de causalidade não estrita, isto é, causa – *A leitura do mundo precede a leitura da palavra* – e resultado ou consequência – *a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele* – inscrevem-se no âmbito das relações internas à língua, subjetivas, epistêmicas. Trata-se de um uso em contexto de teor argumentativo, e o conector *daí que*, num movimento retropropulsor, faz parte de uma estrutura frásica na qual encabeça uma oração que expressa o resultado da anterior. Em síntese, atua como elemento anafórico, recuperador de porções anteriores do texto, nas quais se expressa uma causa, e, ao mesmo tempo, aponta para a frente, indicando o resultado, que pode ser uma consequência ou conclusão, em função dêitica textual.

Ainda no eixo do sentido, identificamos, nos usos do conector lógico-argumentativo *daí que*, persistência da iconicidade presente nos usos linguísticos iniciais. O subprincípio da ordem linear, por exemplo, pode ser flagrado nas relações de causalidade, em que a causa é anterior à consequência, tanto na estrutura da experiência humana, quanto na estrutura da língua. Ao introduzir uma proposição que expressa resultado, seja este uma consequência factual, seja uma conclusão, de ordem subjetiva, portanto, *daí que* tem posição fixa na estrutura frásica a que pertence: ocorre sempre após a proposição que expressa causa.

Em vista das pressões contextuais que atuaram nas mudanças construcionais, via neoanálises¹⁴, do *daí* e, posteriormente, do *daí que*, demonstramos que, em relação a este objeto de estudo, o vínculo de sentido e forma das subpartes não é totalmente convencional ou arbitrário. Por isso, é possível postular que o sentido de cada subparte, ou de pelo menos uma

¹³Trabalho apresentado na abertura no Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, novembro, 1981.

¹⁴De acordo com Traugott e Trousdale (2013: p. 36), neoanálise envolve micropassos numa mudança construcional, seja na forma, seja no sentido. Para os autores, este deve ser o termo empregado no lugar de *reanálise*, pois um novo pareamento função-forma não pode ser analisado novamente, visto que não dispunha de análise anterior.

delas, concorre para o sentido geral da construção, confirmando que a mudança da língua cumpre a trajetória função-forma.

Considerações finais

Ao longo do presente artigo, detivemo-nos na discussão sobre os termos *função*, *significado* e *sentido*, propondo um refinamento na sua aplicação aos estudos fundamentados pelos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso, especificamente no eixo da função, do pareamento sentido-forma. Utilizando o conector lógico argumentativo *dai que* como estudo de caso, baseamo-nos na pesquisa de Arena (2015) para demonstrar a aplicação dos termos na prática. Ressaltamos que, embora não seja possível fazer generalizações do que observamos em relação ao *dai que* para todos os objetos de estudo ancorados na LFCU, estas primeiras reflexões servem como orientação para estudos de construcionalização lexical e gramatical.

No intuito de apresentar caminhos para a solução dos problemas teóricos que emergem no estágio atual da pesquisa em LFCU, podemos elencar algumas considerações a respeito das perguntas iniciais:

a) No que se refere ao *dai que*, o vínculo de sentido e forma não é totalmente convencional ou arbitrário, pois é possível reconhecer, na nova forma, traços, ainda que bastante desbotados, da função de origem – dêitica espacial – nos diferentes contextos em que o conector ocorre. Ademais, ao estabelecer relações de causa e consequência, identificamos a manutenção do princípio da ordem linear, pois as proposições de causa são sempre codificadas antes das de consequência ou conclusão, guardando propriedades da ordem como os eventos se dão no mundo externo, ou mesmo subjetivamente: primeiro emerge a causa, depois a consequência/conclusão. Sendo assim, a aplicação da proposta deste trabalho ao conector *dai que* indica que, na abordagem construcional da gramática, a iconicidade diagramática é fator relevante, sendo possível verificar que os usos linguísticos do conector refletem, de algum modo, a estrutura da experiência humana, seja de forma mais concreta, factual, seja de forma mais abstrata, subjetiva.

b) Com base nessa demonstração, também confirmamos que, sim, é possível que cada subparte, ou apenas uma delas, concorra para o significado geral da construção. No caso do

conector em estudo, verificamos que o componente *daí* percorreu a seguinte trajetória: dêitico espacial > dêitico temporal > dêitico textual. É neste último uso que o *daí* forma um *chunk* com a conjunção *que*, levando ao surgimento da microconstrução *daí que*.

Quanto às hipóteses, igualmente demonstramos que o eixo do sentido, por ser o do uso efetivo, requer tratamento criterioso e um certo esforço a fim de tornar as fronteiras entre as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais mais definidas.

No caso do conector *daí que*, suas propriedades semânticas apontam para um só significado, resultado, podendo este ser mais lógico – mais objetivo, factual, em relações mais externas à língua –, ou mais argumentativo – mais subjetivo, modalizado, em relações mais internas à língua, conforme o vínculo que se estabeleça entre as proposições articuladas pelo conector. Essa ambiguidade vem à tona quando entram em foco as propriedades pragmáticas, pois são as intencionalidades e o processo de (inter)subjetivação do enunciador que moldam o uso como sendo mais objetivo, na perspectiva do conhecer e informar o interlocutor sobre uma área do conhecimento, por exemplo, ou mais (inter)subjetivo, na perspectiva do orientar o interlocutor na direção de uma conclusão. No que diz respeito às propriedades discursivo-funcionais do *daí que*, o conector pode emergir em diferentes gêneros discursivos, mas as sequências tipológicas que contingenciam seus usos são as que propiciam relações de causalidade, nas quais *daí que* articula causa e consequência em sentido estrito ou não.

Por fim, destacamos que esse refinamento terminológico se aplica à hierarquia construcional da qual o *daí que* faz parte: a) no nível da função, plano hierárquico mais alto, o esquema [Xque] assume a função de conexão; b) os subsquemas e as microconstruções, por sua maior especificidade, por um lado, e maior valor referencial, por outro, situam-se no nível do significado; c) por sua vez, o construto alinha-se com o nível do sentido, no qual se dá o uso efetivo do conector, em contextos marcado por diferentes gêneros do discurso, cotextos codificados em sequências tipológicas que articulam relações de causalidade.

Sabemos que o que propusemos em termos de refinamento teórico, seguido da aplicação prática ao conector lógico argumentativo *daí que*, não é definitivo e certamente precisará de novos refinamentos, principalmente quando se tratar de objetos de estudo mais complexos. Ainda assim, consideramos que um primeiro passo foi dado no sentido de, no âmbito das pesquisas da LFCU, primeiramente conferir uniformidade à terminologia, o que facilita o reconhecimento dos fenômenos linguísticos e a posterior leitura por outros

pesquisadores alinhados com essa abordagem teórica; em segundo lugar, um tratamento mais técnico, preciso e objetivo dos termos-chave conferirão, conseqüentemente, maior rigor metodológico na análise das propriedades do eixo do sentido, estabelecendo fronteiras mais claras entre elas.

Referências

- AGUIAR, M. T. *A construcionalização lexical [SNLoc] atributiva e sua instanciação no português*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, 2015.
- ARENA, A. B. *Construcionalização do conector "daí que" em perspectiva funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, 2015.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CAMARA JR. J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf. Disponível em: <www.constructions-online.de:0009-4-6860>. 2006.
- _____. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FURTADO DA CUNHA, M. A; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (org). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo, Parábola, 2015, p. 21-48.
- FURTADO DA CUNHA, M. A; SILVA, J. R; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, edição especial, p. 55-67, 2016.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2005.

KOCH, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, E. (org.) *Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MACMILLAN. *English Dictionary*. London: 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A (Orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Trad. de Jorge de Moraes Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1964.

NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. *Ann. Rev. Anthropolog*, 1984, no. 13, p. 97-117.

OLIVEIRA, M. R; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de “discurso” e de “gramática” na perspectiva funcionalista. In: *Matraga*, v. 16, no. 24, 2009, p. 97-114.

ROCHA, R. A. *O esquema [LocV]_{connect}: mudanças construcionais e construcionalização*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, 2016.

ROSARIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, 2016, p. 233-259.

TEIXEIRA, A. C. *A construção verbal marcadora discursiva [VLoc]_{md}: uma análise funcional centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, 2015.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAUGOTT, E; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra – gramática da frase – gramática do texto/discurso*. Coimbra: Livraria Almedina Ed., 2001.

The functional perspective of the symbolic function-form pairing in the constructional approach to grammar

Abstract: Based on the assumptions of *Usage based functional linguistics*, in terms of Traugott and Trousdale (2013) and Bybee (2010; 2015), among others, this article discusses the functional axis of function-form pairing, as postulated in the constructional approach of grammar, based on Goldberg (1995, 2006) and Croft (2001). In addition to discussing the terms function, significance and meaning in this theoretical approach, we propose that these terms be refined in order to comprise the following hierarchy arranged in gradient: *schema* > *subschema* > *microconstruction* > *construct*. We assume that: a) the term *function* should be used in reference to the level of the schema, the highest of the constructional hierarchy; b) the term *significance* is used for the subschema and microconstruction level; c) the term *meaning*, due to its greater contextual specificity, should be used in real language usage contexts. In order to illustrate this proposition, which links the terminological refinement of the construction functional axis to the hierarchy, we use the data of Arena (2015), in her research on the grammatical constructionalization that derived in the logical-argumentative connector construction [daí que]_{cla} in Portuguese.

Keywords: Function; meaning; significance; grammatical construction; daí que.

Recebido em: 01 de outubro de 2018.

Aceito em: 08 de março de 2019.